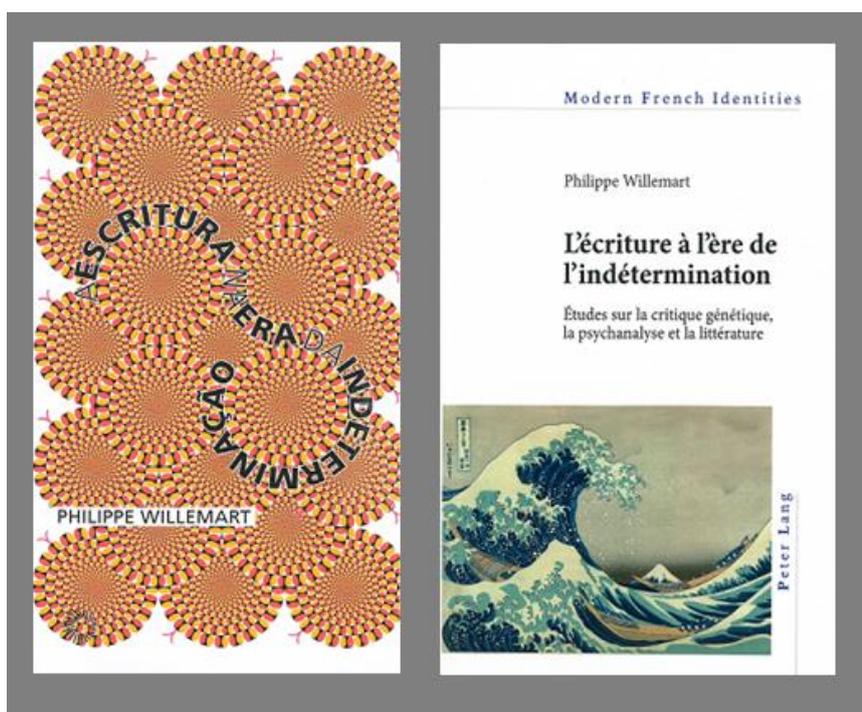


Mente e Universo

Aurora Bernardini¹
Universidade de São Paulo

WILLEMART, Philippe. *A Escritura na era da Indeterminação - Escritos sobre Genética, Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Ed. Perspectiva-Fapesp, 2019, 232 p.



Willemart em edições publicadas no Brasil e na França, respectivamente. Foto: Divulgação.

Publicado concomitantemente no Brasil e na França, o livro do professor Philippe Willemart da USP, *Escritura na era da indeterminação* é, de fato, extremamente atual. Numa época em que somos todos (e principalmente, os estudantes!) bombardeados e embotados por tantas informações disparatadas – e em particular, as que convergem para a literatura – ele tem a lucidez de abordá-las, nesse livro, além das vertentes da crítica genética e da psicanálise nas quais é especialista, rumo a Proust, Flaubert, Bauchau, Murakami, Poe e Joyce, também segundo certos cruzamentos com a ciência de hoje que

¹ Escritora, pintora, tradutora. Possui doutorado em Letras (USP) e é professora titular da Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Letras Orientais (DLO), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade São Paulo (USP). E-mail: bernaur2@yahoo.com.br.

nos iluminam e nos fazem pensar. É desse aspecto que passaremos a nos ocupar sucintamente, neste breve apanhado.

Uma referência privilegiada do autor é o astrofísico italiano Carlo Rovelli que já teve dois de seus livros publicados no Brasil, *Sete breves lições de física* e *A realidade não é o que parece*². Este último, que é uma retomada e uma ampliação do primeiro, remonta – como é o costume de Rovelli – aos primórdios de nossa civilização, (Parmênides de Cilento 530 a.C. e seu discípulo Zenon 490 a.C. (o do paradoxo de Aquiles e a tartaruga: a aparência é ilusória), com Leucipo de Mileto indo para Abdera, depois de sua cidade haver sido destruída pelos persas (494 a.C.).

Segue-se outra série de grandes pensadores, a partir de Demócrito (460 a.C.), que criou o atomismo antigo), até se chegar a Ptolomeu (100 d.C), o primeiro cientista celeste que apresenta sua teoria geocêntrica, etc. Os séculos se sucedem até 390 d.C, quando o imperador fundamentalista Teodósio aniquilou todos os nomes, menos Platão e Aristóteles, e ainda sobreviveu apenas Lucrecio (sec. I a.C.), com seu *De rerum natura*, que falava nos átomos de Demócrito (deste não nos chegou mais nada).

A ciência antiga foi obliterada, tendo sobrevivido em parte na Índia, onde o saber grego havia aportado, graças à série de acordos comerciais, etc. e de lá, mais tarde, via árabes e persas, voltaria à Europa.

Passaram-se mil anos, durante os quais a Astronomia não teve mais avanços significativos, até o advento do polonês Copérnico que resolveu voltar a Ptolomeu, seguir suas pegadas e corrigir o “engano feliz”: nosso universo não é geocêntrico: ele é heliocêntrico! A essa tensão entre um erro revisitado e o alvo almejado, da falha para o acerto, do “erro feliz” à nova descoberta, Willemart dedica uma série de considerações, na Literatura, na Música, na Pintura (2019, p. 107-114.) e, em muitas outras páginas, na Física em evolução.

Claro, há acertos que não são correções de erros. São fruto de intuições, relâmpagos de gênio, como o caso reportado por Rovelli, que une Einstein a Dante:

“Não sei se o jovem Einstein encontrou o *Paraíso* durante suas perambulações intelectuais italianas [o pai dele trabalhou durante certo tempo nas Centrais elétricas no Norte da Itália], e se a imaginação fértil de nosso maior poeta teve influência sobre sua intuição de que o Universo pode ser finito e sem bordas. [Ou seja, no dizer de Rovelli (2017, p. 96), é uma “triesfera”]. No entanto, com ou sem influência diretas, creio que esse

² Ambas as obras foram editadas pela Objetiva, de São Paulo, sendo a primeira em 2015, e a segunda em 2017. É da segunda obra que citarei alguns trechos.

Outra coisa que interessa a Willemart é saber, cientificamente (citando Gerald Edelman, Nobel de Medicina em 1972), como reage o cérebro diante de uma percepção. Eis o que diz a Ciência: “Os processos conscientes resultam do número fantástico de interações reentrando [reentrada: troca recursiva permanente de sinais de neurônios] que intervém nos sistemas de memória, de valor-categoria, presentes sobretudo nas zonas mais antigas do sistema tálamo-cortical e dos sistemas mais posteriores, assegurando a categorização perceptiva” (WILLEMART, 2019, p. 31), uma vez que literariamente, diz Willemart, comparando o período acima com o processo da escritura em Proust: “a percepção não é imediatamente assimilada.[...] Mesmo já percebido, o objeto deve voltar atrás para que possa ser sonhado, voltar a ser *cosa mentale*, reencontrar os valores fundamentais ancorados no ser” (2019, p 31).

Pois bem, essas *reentradas* e essas *interações* marcam as descobertas mais marcantes da Física: desde as partículas que só emitem elétrons quando atingidas pela luz (ROVELLI, 2017, p. 109), ao aspecto relacional dos elétrons que só se manifestam quando interagem ou quando se chocam com algo (ROVELLI, 2017, p.111), até a conclusão: “os eventos são sempre interações: todos os eventos de um sistema acontecem em relação a outro sistema: a realidade é a relação [...]”.

“Mas será que algum sistema se explicaria de outra forma, a não ser interagindo? Ainda não sabemos – estamos limitados pelo que não sabemos” (ROVELLI, 2017, p. 136).

Pois bem, dito isso, a visão conclusiva do Universo, na Física mais avançada de hoje, é a seguinte: “Um mundo feito apenas de campos quânticos em interação, cujo pulular de quanta gera, através de uma densa rede de interações recíprocas, espaço, tempo, partículas, ondas e luz” (ROVELLI, 2017, p. 259).

Essa visão coincide com as teses sobre o *dialogismo* nos seres humanos, que o linguista e filósofo Bakhtin tornou tão popular entre nós já faz algumas décadas, ou seja, coincide com a visão do Homem de Demócrito, revisto por Salomon Luria: “A natureza de um homem não é dada pela sua conformação física interna, mas sim pela rede de interações pessoais, familiares e sociais em que existe [...]. Somos complexos nós de uma riquíssima rede de informações recíprocas” (ROVELLI, 2017, p. 253).